

Não paro de pensar no infortúnio de ser eu. Logo eu fui nascer em mim. Uma junção de pouco com quase nada. Uma imperfeição convencida da bizarrice. Nenhum jeito para escapar das trapaças do destino. Logo eu fui nascer assim, com tão pouca vontade de fazer diferente, com tão pouca vontade de viver. Com tão pouca vontade de ser feliz. Se bem que a felicidade é algo subjetivo, que nunca existiu em mim. Quando nasci, logo fui exposto à adoção, abandonado na porta de um orfanato, no centro de Salvador. Minha mãe largou, como qualquer coisa inútil, uma carta com profundo desgosto, dizendo que “o menino é muito doente, deve ter alguma anormalidade”. Morei anos nessa casa de acolhimento, que poderia ser o meu lar, mas não foi. Irmã Marta dizia que ninguém iria me querer, porque, além de feio, era burro e mal-educado. De fato, nunca gostei de estudar e fazer os deveres domésticos, que éramos obrigados a fazer. Além de tudo, brigava com os meus “irmãos” de orfanato. Era considerado um ótimo pugilista. Já mandei dois para o hospital. Pena que não segui com a carreira... Não sei se esse era o jeito de irmã Marta me fazer mudar. Não mudei por pura birra e falta de ânimo. Eu mesmo me convencia de que estava bom assim, desleixado e descuidado. Quanto à feiura, não tem jeito; no máximo dou um trato para a enganação dos incautos. Nunquinha fui reparado por mulheres, só por homens, dos quais tenho abuso e nojo. Um padre quis fornicar comigo, mas corri da sacristia como se corre do diabo. Mandei ele se lascar, lazarento. Era um velho safado, que pegava os meus “irmãos”; muitos deles... É indecente viver assim, agora, maltrapilho e entregue à desesperança dos dias, que somente correm de mim, principalmente quando penso que estou prestes a morrer. Isso é um martírio! Não se pode querer morrer em paz. Quanto às tentativas, foram várias, mas sem sucesso – porque, de fato, eu não tinha nem nunca tive coragem de me matar. Sou um covarde, além de tudo. Sobre o amor, nada tenho a dizer. Não sei do que se trata. O melhor sentimento que tive foi o de me contentar com a beleza da irmã Maria de Jesus. Ela era uma



freira caridosa, bondosa e gostosa. Participou, sem saber, das minhas manias masturbatórias na adolescência. Gastei muita água no banheiro das freiras, até ser proibido de me banhar sozinho. Esse, sim, durante muito tempo foi o meu divertimento; um passatempo do qual e com o qual eu abusava da minha energia. Ia ao esgotamento, diariamente. Se a irmã Maria de Jesus tivesse me dado a oportunidade de viver com ela, tudo seria diferente. Mas ela dizia que era esposa amorosa de Cristo. Jamais trocaria o Maioral por mim. Quando morreu, jovem, com cinquenta e poucos anos, fui ao seu velório e rezei por ela. Foi a única coisa que aprendi obrigado na vida – a rezar –, e é somente o que sei fazer nas horas difíceis, em que quero morrer, pedindo para Deus abreviar o fado.

ADRIANO ESPÍNDOLA SANTOS é autor de *O sussurro cálido da negação*; *Flor no caos*; *Contículos de dores refratárias*; *o ano em que tudo começou*; *Em mim, a clausura e o motim*; *Não há de quê*; *Amparo secreto*; *Viver morrendo* e *Arraia-ralé*. Advogado. Mestre em Direito. Especialista em Escrita Literária e em Revisão de Textos. Membro do Coletivo Delirantes. É dor e amor; e o que puder ser para se sentir vivo: o coração inquieto. [instagram.com/adrianobespindolasantos/](https://www.instagram.com/adrianobespindolasantos/)